

Jornalismo internacional sob uma perspectiva decolonial: reflexões a partir do acontecimento Mahsa Amini na FSP¹

Heloisa Gamero Marques²

Angela Zamin³

Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW)

RESUMO

Utilizando os conceitos de Orientalismo (Said, 2003) e decolonialidade (Ferdinand, 2022) e noções sobre direito internacional dos direitos humanos, a pesquisa que originou o artigo identifica que o jornalismo estigmatiza e animaliza a população não ocidental ao retratar países orientais de forma pejorativa no noticiário ocidental. O objeto empírico da análise é a cobertura do acontecimento jornalístico assassinato de Mahsa Amini, no Irã, pelo jornal de referência *Folha de São Paulo*. O estudo tem por base as metodologias da Análise de Conteúdo e Análise do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo internacional; Oriente; Decolonialidade; Análise de Conteúdo; Análise do Discurso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa aborda a prática do Jornalismo Internacional em conjunto com noções de Direito Internacional dos Direitos Humanos, compreendendo o impacto na forma de sociabilidade e nos modos de ver o mundo das sociedades (Fernandes, 2012) que a editoria de internacional possui. O tema é o papel do Jornalismo Internacional na reafirmação de preconceitos orientalistas envolvendo países fora do Centro-Ocidente, a partir da utilização de estereótipos e estigmas, quando se propõe a transmitir acontecimentos do Oriente para o Ocidente. Justifica-se esse tema pelo peso da atividade jornalística, que abrange questões mundiais e alcança um público amplo.

Neste sentido, a pesquisa que originou o presente artigo busca identificar os sentidos acionados e/ou produzidos pelo jornal impresso de referência *Folha de S. Paulo* na construção do acontecimento jornalístico assassinato de Mahsa Amini em Teerã, capital do Irã, em setembro de 2022. A análise traz como objeto empírico os textos informativos do jornal brasileiro de referência *Folha de S. Paulo* sobre a morte da jovem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Relações Internacionais, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Acadêmica de Jornalismo: Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus Frederico Westphalen

³ Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus Frederico Westphalen

curda publicadas no primeiro mês de cobertura do impresso. Ao todo, 18 textos jornalísticos informativos foram analisados.

Quanto à pertinência da pesquisa, apesar dos esforços jornalísticos em atender questões do Oriente Médio, ainda prevalece a utilização de conteúdos problemáticos para referenciar países como o Irã. Segundo Said (1996 apud Castro, 2007), houve, principalmente em meios acadêmicos, a construção de uma fronteira fixa, que separa o “nós”, ocidentais, dos “outros”, orientais. Essa fronteira foi construída em cima da desqualificação do “outro”, criando-se estereótipos e preconceitos (Said, 1996, apud Castro, 2007), que, muitas vezes, são perpetuados pela mídia. Trazendo à tona a discussão e propondo mudanças, o trabalho auxilia futuros profissionais da área internacional a produzir conteúdos não orientalistas e que respeitem os direitos humanos.

METODOLOGIA

Foram utilizadas duas metodologias na composição da análise. Para localizar quais e quantas fontes, assuntos e autoria foram utilizadas nos textos jornalísticos informativos, contei com a Análise de Conteúdo, um método quantitativo que abre as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social (Moraes, 1999). Organizei os números em tabelas e, posteriormente, fiz inferências a partir deles.

A fim de encontrar que sentidos foram produzidos pela *Folha*, recorri à Análise do Discurso, pecheutiana, para pensar o discurso como um efeito de sentidos na sociedade. De acordo com Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, e é por esse relacionamento, essa superposição, que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. A AD permite agrupar em famílias parafrásticas os sentidos manifestados pelo dito e pelo não-dito. Aqui, todavia, trago resultados da AC.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A democratização da comunicação e dos meios, juntamente com outros elementos dos direitos humanos, como as formas de acesso, a pluralidade de expressão das culturas, a igualdade para informar-se e ser informado, se tornam pautas para questionar a atividade jornalística (Raddatz; Nasi, 2017).

Perante o exposto, compreende-se a atividade jornalística internacional como uma das principais no que diz respeito à pluralidade de expressões culturais. A profissão participa de jogos simbólicos em torno da formação das identidades e das representações, e cria espaços de sociabilidade e de construção de sentidos do real

(Fernandes, 2012). Desse modo, o jornalismo carrega a responsabilidade de construção do imaginário acerca de países e etnias inteiras e, de acordo com o mesmo autor, acaba tendo como referência muito mais os países europeus e os Estados Unidos para a construção do quadro geral de notícias globais difundido pelas agências de notícia, o que prejudica uma narrativa plural.

Diante das problemáticas mencionadas, tornou-se necessário abordar na pesquisa o Orientalismo, de Edward Said. O termo denomina o uso de instituições, vocabulários e imagísticas por meio de elaboradas figuras retóricas em forma de discurso que deformaram os povos orientais (Said, 1996 apud Castro, 2007). Essa atividade, propagada no jornalismo, diminui a variedade de etnias, religiões e linguagens, visto que reduzem e agrupam as pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como “América”, “Ocidente” ou “Islã”, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que, na realidade, são muito diferentes uns dos outros, e que na visão ocidental não podem continuar tendo a força que têm e devem ser combatidos (Said, 2003).

A fim de propor um rompimento do jornalismo orientalista, proponho a adesão à decolonialidade. Segundo Quijano, a palavra refere-se ao período colonial que teve início por volta de 1492 (Ferdinand, 2022), com grandes expedições de saque dos europeus, momento em que o domínio mundial foi delimitado a partir dessas tomadas territoriais europeias, as quais aconteceram a partir do genocídio da população que já habitava o local. Para que houvesse, de fato, o apagamento dos povos dominados, foi necessária a substituição de suas crenças, cultura e costumes pelos padrões da Europa. A decolonialidade surge como uma tentativa de acabar com a lógica colonial.

Atualmente, esse processo de apagamento continua em curso, com novas ferramentas. Penna (2014), com base em Dussel, afirma que não é possível falar em modernidade sem levar em consideração o processo de exploração das colônias e a construção ideológica do outro (o colonizado) como atrasado, selvagem, primitivo. As práticas jornalísticas se apresentam como ferramentas decisivas da colonialidade do poder na modernidade ao colaborarem com a interiorização da dominação colonial, sobretudo graças aos avanços tecnológicos que pressionam cada vez mais as práticas jornalísticas a um reducionismo funcional, difundindo na estrutura e no conteúdo a visão de mundo colonial (Melo da Silva, Souza Aguiar, 2023).

As estratégias que Penna (2014) propõe, baseada em Freire, para decolonizar o jornalismo são: 1) objetivação da mitologia opressora ou eurocêntrica, uma forma de expor a lógica colonial, a superação da modernidade eurocêntrica só é possível se a “outra-face” da modernidade, negada e inferiorizada, se veja como inocente e como

vítima do processo de dominação (Dussel, 2005); a comunicação trabalha nessa estratégia produzindo materiais jornalísticos do que antes era silenciado, sobre a existência do Outro; 2) o deslocamento do lugar de fala, ir contra o “o encobrimento do outro”, a delação jornalística da detenção de um privilégio da “Europa moderna” para classificar e enquadrar o resto do mundo a partir da falácia da “civilização” (Dussel, 1993); há a necessidade de criação de novos lugares de fala a partir dos quais seja possível questionar essas categorias e formas de enquadramento e interpretação do mundo, para que se cesse o processo de desumanização (Penna, 2014); 3) e, por último, a valorização do conhecimento fronteiriço – aqui, vou além da citação de Penna – valorização também do Outro estrangeiro.

O assassinato da jovem Mahsa Amini, ao ser relatado nos materiais impressos da *Folha*, foi transformado em um acontecimento jornalístico,⁴ em notícia, e passou a ser um fato afetado por diversas narrativas – escolhidas pelo jornalista que escreveu. Durante a análise, identifiquei se o recorte feito na realidade do Irã obteve um teor orientalista e colonial. Por esse motivo, observei se as fontes e assinaturas (autoria) eram em sua maioria estrangeiras, e se o não-dito e o dito continham uma abordagem preconceituosa em relação à população oriental.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Os principais resultados da Análise de Conteúdo foram: das 18 matérias, 13 possuem assinatura e/ou crédito provenientes de agências estrangeiras, fora do Brasil e do Irã, a *Agence France-Presse (AFP)* e a *Reuters*. Nenhuma agência de notícias iraniana foi encontrada nos créditos. Um dos textos possui a localização de produção no Irã; nove possuem a categoria geral Estados Unidos, ou seja, citam o país em algum momento para discorrer sobre a morte de Mahsa Amini e os protestos; 12 a categoria geral Europa, a qual agrupa menções de qualquer país do continente europeu no texto; e em 18 a categoria geral Violência, que serve para a descrição explícita de atos violentos.

Quanto aos dados sobre as 130 fontes utilizadas, se destacam: 49 são genéricas, sem especificar de onde o jornalista retirou a informação; 21 são homens, sendo 6 homens fora do Irã e do Brasil; nove são mulheres, quatro estrangeiras, externas ao Brasil e ao Irã; duas fontes são especializadas, sendo uma genérica e uma nominal; 27 são fontes jornalísticas, sendo cinco destas externas ao Irã e ao Brasil. Ao todo 32 fontes

⁴ São produtos jornalísticos recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas do fluxo objetivo da realidade (Filho, 1987, apud Berger, Tavares, 2010). O jornalismo age com um certo protagonismo na reconstrução de fatos, a atividade jornalística copia o acontecimento em sua dinamicidade, e transforma em uma história a ser contada (Pontes; Silva, 2010).

são externas ao Brasil e ao Irã, e nenhuma é brasileira.

CONCLUSÃO

Perante as análises e os dados gerados dos conteúdos disponibilizados pela *Folha de São Paulo* sobre o acontecimento jornalístico assassinato da jovem curda Mahsa Amini, identifiquei elementos orientalistas, colonialistas e pouco atentos às normas dos direitos humanos internacional. Atesta-se a presença de narrativas que se limitam a livros superficiais que circulam por Washington sobre “terrorismo” e liberalismo, ou sobre o fundamentalismo islâmico e a política externa americana, ou sobre o fim da história, tudo isso competindo pela atenção do público e sem a menor preocupação com confiabilidade ou reflexão ou autêntico conhecimento (Said, 2003).

O que conta, nesse sentido, é a eficiência e a engenhosidade do texto e, por assim dizer, quantos irão morder a isca. O pior aspecto desse material essencializante é que o sofrimento humano, que em toda a sua densidade, é eclipsado. (Said, 2003, p. 9). A presença da categoria geral Violência corrobora com essa sensacionalização dos protestos femininos. Em um mês de cobertura sobre o Irã – de 17 de setembro a 17 de outubro de 2022 –, o leitor foi bombardeado apenas com descrições de atos violentos.

O culto colonialista não cabe mais no Jornalismo. Há a necessidade de combater o “mito civilizatório” (Dussel, 2005), a “razão emancipadora”, e a “falácia desenvolvimentista” (Freire, 2005). O presente trabalho nos permite compreender que o oprimido, o colonizado, deveria possuir direito sobre a sua própria realidade, que a maioria das fontes fossem mulheres e mulheres iranianas.

Primeiro, é preciso dizer que o hijab, alvo das mais exaltadas críticas do Ocidente sobre os países muçulmanos, é o menor dos problemas delas. “As mulheres são muito claras a esse respeito: o que elas almejam é a liberdade de escolha. Ainda que seja para escolher cobrir-se dos pés à cabeça. No caso das iranianas, sob o chador”. (Carranca; Camargos, 2010, p. 157).

O jornalismo possui o papel de assegurar a estas mulheres que seus direitos de escolha e seus conhecimentos sejam reconhecidos. A comunicação do sul global poderia traçar caminhos diferentes dos que nos levam a ser uma caricatura triste do norte global. As narrativas estadunidense, europeia e não especializada servem à demonização do estrangeiro, à propaganda ocidental, que tenta, novamente, justificar uma invasão geográfica, cultural e religiosa diante da argumentação de que o Irã não é “civilizado”.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B.; Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142
- CARRANCA, Adriana; CAMARGOS. **O Irã sob o Chador: duas brasileiras no país dos aiatolás**. São Paulo: Globo, 2010.
- CASTRO, Isabelle Christine Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira**. A representação de árabes e muçumanos nos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo” antes e depois de 11 de setembro de 2001. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-01092011-102913. Acesso em: 18 nov. 2023.
- DUSSEL, Enrique. 1492: **O encobrimento do outro (A origem do “mito da modernidade”)**: Conferências de Frankfurt. Petrópolis, Vozes, 1993.
- FERNANDES, V. O. N. . **O jornalismo internacional e a estrutura radiofônica na contra-hegemonia**. Revista Alterjor, v. 1, p. 1-21, 2012.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Diálogos sobre o vivido: diálogos entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23, 2005.
- MELO DA SILVA, D. K.; SOUZA AGUIAR, C. E. Jornalismo decolonial e a questão da interseccionalidade. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21894>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009. p 1-100.
- PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**. v. 8, n. 2, 2014.
- PÊCHEUX M. **Les Vérités de ia Palice**, Maspero, 1975.
- PONTES, Felipe Simão, SILVA, Gislene. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 43-62.
- RADDATZ, Vera L. S.; NASI, Lara. Jornalismo como campo mediador dos direitos humanos. **Comunicação & Sociedade**, v. 39, p. 79, 2017.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.